

The city in my mind or the fear of my sky
de Flávio Andrade

O projeto "The city in my mind or the fear of my sky" que Flávio Andrade apresenta na *A Pequena Galeria* revela uma persistente procura pelas entranhas da vida, no espaço da cidade. O seu interesse pela cidade como lugar descolado do real permite-lhe percorrer geografias imaginárias, onde os lugares fazem habitar personagens que se ocupam de tarefas marcadas pela pulsão do desejo. Como diz Flávio estes personagens "Imaginados na cidade ou no campo, situam-se sobretudo, na minha cabeça", ora condicionados às vicissitudes do quotidiano, ora marcados pela presença de um temor que se sobrepõe à ficção, dando-lhes uma existência mais próxima do real, onde o desejo, a religião, o prazer, o sexo e o sofrimento deixam as suas marcas.

O fotógrafo mergulha no dilema apontado por Jacques Le Goff (*Por Amor Às cidades: Conversações com Jean Lebrun*) entre a cidade real e a cidade imaginada. Esta dicotomia permite ao sujeito experiências que forçosamente atravessam as várias camadas do tempo e espaço instalados na malha urbana, a pressão, o desgaste, a alienação, a contaminação, o condicionamento de espaço, controlo do tempo, inibições, todas elas fatores influentes nas relações entre sujeitos. Para Flávio estas relações são mais marcadas pelos segredos do que pela partilha.

A cidade é como um corpo coletivo de micro e macro acontecimentos simultâneos e paralelos. O conjunto de imagens (ou fotografias) deste projeto aponta para as fronteiras ténues que separa o *mainstream* do *underground*, (a aparência do conteúdo) mas que paradoxalmente as une na mesma esfera espaço/temporal. Nesta existência simultânea, através de fragmentos, os corpos emergem e estabelecem relações, faz lembrar a relação entre os vivos e os mortos referida por Le Goff a propósito da ideia dos cemitérios, ou como ele diz, cidade dos mortos, locais que com o alargamento dos espaços urbanos, deixaram de estar fora da cidade para serem assimilados como locais integrados no interior, adaptados a áreas de socialização. Este deslocamento (assimilação) sublinha a necessidade de apaziguar a relação com a morte e o desejo de uma ligação quotidiana onde o real e o imaginário se discutem, como na fotografia onde a imagem e ideia de casulo surge perante o desvanecimento de um emaranhado de algodão no momento em que é produzido por uma máquina.

Orlando Franco